Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT

DIVINA ETERNA MACHADO PARREIRA

LÍNGUA INGLESA: DOMINAÇÃO OU LIBERTAÇÃO?

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
R : Nº 10261
Data 16 07 04
doação

Pontes e Lacerda
2003

Turma 2003/2

Ex. 02

Divina Eterna Machado Parreira

LÍNGUA INGLESA: DOMINAÇÃO OU LIBERTAÇÃO?

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Cleunice Maria de Andrade

Pontes e Lacerda
2003

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

_____

_____

_____

Local e data da aprovação

_____

À você mamãe, dedico este trabalho por sua grande dedicação à minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem devo todas as minhas vitórias;

À minha família, por tudo o que tem feito por mim. Obrigada, muito obrigada!

À Cleunice Maria de Andrade, minha orientadora, pela parcela de contribuição para que este sonho se tornasse realidade;

Aos meus professores, pelo conhecimento transmitido;

Aos funcionários do cartório de 2º Ofício de Pontes e Lacerda, Silvana e Hugo que colaboraram com importantes informações as quais enriqueceram o meu trabalho;

Aos meus colegas de curso, pelo companheirismo;

Aos meus amigos, pelo constante incentivo;

Às minhas amigas Célia, Dálcia, Fabiana e Ester, pelo apoio leal e incansável incentivo;

Especialmente à minha amiga Léia, pela valiosa colaboração.

A vocês todas as estrelas do céu, todos os meus pensamentos e todo o rumor do meu coração.

Obrigada!

Divina

...os idiomas são palcos de mestiçagem e de interculturalidade e não devem ser vistos como baluartes de nacionalidade...

(John Robert Schmitz)

SUMÁRIO

Apresentação.....06

Resumo.....07

Língua Inglesa no Brasil: um pouco da história.....08

O Inglês nosso de cada dia.....15

Guerra da palavra.....22

Considerações finais.....28

Referências bibliográficas.....34

APRESENTAÇÃO

Este ensaio resulta do estudo das obras *Ingleses no Brasil* e *Estrangeirismos: Guerra em torno da língua e* das inquietações surgidas a partir de então.

O mesmo compreende três partes. A primeira *Língua Inglesa no Brasil: um pouco da história,* funciona como uma introdução ao tema da presença britânica no Brasil, o qual abrange alguns aspectos históricos da influência inglesa sobre a vida, a paisagem e a formação da cultura brasileira. Esse capítulo ainda aborda a seqüência do predomínio inglês no Brasil a cargo da globalização e da cultura norte-americana.

A segunda *O inglês nosso de cada dia,* apresenta a presença da língua inglesa no cotidiano brasileiro. Diante dessa realidade fez-se uma descrição das várias vias de acesso aos fenômenos gerais que permitem essa interculturalidade.

A terceira *Guerra da palavra*, examina os conflitos lingüísticos em relação aos estrangeirismos existentes no Brasil desde os tempos do *descobrimento* até os nossos dias.

Sob esses aspectos, finalmente o ensaio sugere aos usuários da língua, que a mesma necessita estar sempre voltada para a liberdade de expressão.

RESUMO

O presente ensaio visa discutir o tema estrangeirismos no Brasil sob o ponto de vista do equilíbrio, o que foge a qualquer tipo de extremismo ou falso nacionalismo.

Estamos cientes de que há uma verdadeira guerra lingüística entre os que posicionam como *protetores* da língua portuguesa, os quais fazem soar em alta voz seus discursos antiestrangeirismos e os que crêem no direito de cada falante em fazer livre uso da língua. Nesse ensaio posicionamo-nos no segundo grupo, pois compreendemos que toda língua recebe continuamente palavras de outras línguas e simplesmente muda para atender às necessidades dos falantes.

Nosso objetivo é também abordar o processo de globalização e seus efeitos na língua portuguesa brasileira, com a entrada de palavras estrangeiras, principalmente as de origem inglesa, língua considerada de prestígio, tendo em vista a dominação britânica no Brasil do século XIX e norte-americana nas áreas econômicas e tecnológicas, essencialmente após a segunda grande guerra.

LÍNGUA INGLESA NO BRASIL: UM POUCO DA HISTÓRIA

O português brasileiro é uma língua enriquecida por tantas miscigenações, povos, culturas e costumes. Seu léxico é formado por uma variedade de influências estrangeiras tais como: árabe, africana, italiana, espanhola, norte americana, latina, francesa, inglesa e muitas outras.

Dentre as várias interferências citadas, convém destacar neste momento as implicações que a língua inglesa tem exercido sobre o português brasileiro, por ser este tema extremamente polêmico e debatido constantemente por lingüistas, gramáticos, políticos e intelectuais, bem como pela globalização e seus efeitos na língua portuguesa.

Pode-se dizer que as influências inglesas no Brasil são bastante antigas. Às vezes aparentes, mais distantes, de segunda mão se assim podemos dizer, mas antigas. A língua inglesa instalou-se no Brasil através de portugueses que aqui chegaram já contagiados dela e também a partir de alguns contatos diretos.

Neste sentido o historiador FREYRE (2000: 18) afirma *que O certo é que Portugal de longa data gravitava na órbita britânica. Ao tratado de Methuen, de 1703, instrumento de dominação inglesa sobre o reino luso...*

Vale lembrar que a presença inglesa no Brasil iniciou-se por volta do século XVIII. A mesma adquiriu mais forças em meados do século XIX com a abertura dos portos brasileiros promulgada por D. João VI em carta Régia de 28 de janeiro de 1808, às nações amigas.[1]

Vários foram os comerciantes ingleses que vieram se estabelecer no Brasil, seja como representantes de firmas ou por conta própria em busca de independência econômica. Não faltaram nem mesmos os aventureiros e especuladores à procura de lucro fácil.

Começa então a história propriamente dita das relações anglo-brasileiras.

---

[1] FREYRE, Gilberto. Ingleses no Brasil. p. 19

Para a política externa britânica, representada por Lorde Strangford, interessava evitar que os franceses, ao ocupar Portugal, pudessem tirar proveito das colônias portuguesas, principalmente do Brasil e com isso estabelecesse aqui uma área de influência. Ainda era de interesse de Strangford a vinda da família real, o que transformava o Brasil em sede da monarquia e o colocava sob domínio britânico, o que auxiliaria os projetos ingleses de conquista da América do Sul.

Com a ameaça de uma invasão francesa em território português e com a monarquia em perigo, Strangford entrou em ação para convencer o príncipe regente D. João a deixar de lado sua hesitações e procurar refúgio na colônia brasileira. Afim de evitar tal invasão a corte portuguesa transferiu-se para o Rio de Janeiro. Logo depois de sua chegada em janeiro de 1808, D. João cumpria cláusulas dos acordos assinados com o governo inglês e não só abria o comércio com o Brasil à Inglaterra como também assegurava a esse país, e aos seus cidadãos, vantagens e privilégios não concedidos a quaisquer outros.

> *Com efeito os ingleses obtinham liberdade de comércio sem salvo-conduto nem licença em Portugal e em todos os seus domínios, liberdade de religião e de culto, privilégios de seus créditos tanto aos bens e mercadorias embargados de portugueses presos pela inquisição ou pela justiça Real, jurisdição especial nos casos de heranças jacentes e espólios, livros e contas de súditos britânicos falecidos em Portugal, isenção e embargo de navios e bens para o uso de guerra, tratamento de nação mais favorecida, jurisdição especial do juiz conservador, sem cuja ordem nenhum inglês podia ser preso ou embargado, salvo em flagrante delito, direito de circulação e de propriedade privada de casas de habitação, lojas, armazéns, porte de armas ofensivas e defensivas (...)* (FREYRE 2000: 18)

Transferiam-se assim, para o Brasil os velhos privilégios e a posição proeminente que a Grã-Bretanha gozara em Portugal.

Na verdade FREYRE (2000) lembra que as relações do Brasil com a Grã-Bretanha chegaram a ser quase as de colônia com metrópole.

Quando se alçou o grito de independência em 1822, esses privilégios haviam se fortalecido de tal forma que mesmo com a partida da família Real para Lisboa, os ingleses mantiveram aqui seus interesses e tais privilégios, e entre 1825 e 1827 o domínio britânico no Brasil alcançou seu auge. Neste período, nenhuma outra potência estrangeira ocupava posição tão importante no Brasil como a Grã-Bretanha.

Note que para cada vinte negociante ingleses estabelecidos, principalmente na rua do Trapiche e na da Cruz, em Pernambuco, havia apenas nove portugueses, oito franceses, sete alemães, três americanos, dois holandeses e dois suíços, enquanto os próprios brasileiros não era mais de vinte e sete.[2] Nessa relação de certo modo até expressiva, podemos constatar que o número de negociantes britânicos no Brasil, estava quase que no mesmo índice dos brasileiros. Outro fator interessante a observar é segundo FREYRE (2000:62)

> *(...) o importante papel britânico no desenvolvimento das primeiras fundições modernas, o primeiro cabo submarino, as primeiras estradas de ferro, os primeiros telégrafos, os primeiros bondes, as primeiras moendas de engenho moderno de açúcar, a primeira iluminação a gás, os primeiros barcos a vapor, as primeiras redes de esgotos (...)*

Além disso, o inglês no sentido amplamente brasileiro da expressão, deve ser lembrado como agente paradoxal, no Brasil de um processo de tropicalização ecológica que o situa como o principal responsável pelo uso do brim, do pijama, do gorro de viagem, rifle esportivo, do sapato inglês etc.

A influência britânica pode-se atribuir, com efeito, além da introdução, no Brasil do chá, pão de trigo, cerveja e depois do *whisky, gin* e do *run*, do bife com batatas, vidro e ferro passaram a caracterizar as casa brasileiras: *De 1808 a 1830 poucos os brigues vindos da Inglaterra para o Brasil sem essas quatro ou cinco mercadorias básicas do comércio britânico com a América Portuguesa: vidro, ferro, fazenda, louça, bacalhau.* (FREYRE 2000: 23)

A presença inglesa no Brasil no século XIX se pautou por muito mais do que a simples disponibilidade de mercadorias e produtos manufaturados, tais como louças, porcelanas, cristais e vidros, panelas, cutelaria, ferramentas e remédios nas prateleiras das lojas e armazéns da cidade do Rio de Janeiro. De modo que a influência inglesa no Brasil, tão definida, nítida e direta, anglicizou-se também a língua, na qual naturalizaram-se várias palavras como: esporte (sport) futebol (foo-ball) gol (goal) craque (crack) uísque (whisky) etc.[3]

É oportuno salientar também que no reinado de D. João VI havia professores régios não só de francês como também de inglês: *Evaristo da Veiga*

[2] FREYRE, Gilberto. Ingleses no Brasil. p. 91
[3] Idem p. 67

foi discípulo em 1818, de João Joyce, que lhe passou atestado pela rapidez, perfeição e facilidade com que traduzia o idioma inglês... Evaristo não constituía a exceção. ((FREYRE 2000: 21)

Outras evidências da influência intelectual dos ingleses encontramos nos anúncios de professores e professoras ingleses e de língua inglesa. Também de governantes, de colégios, métodos de ensino e livros ingleses.

Sob a regência de Dom João, quebram-se de vez tabus em relação aos ingleses e ortodoxos e principia abertamente o ensino do inglês. Segundo FREYRE (2000: 266-7) em 1809 os jornais se enchem de anúncios de professores de inglês*: D. Catharina Jacob toma a liberdade de fazer sciente ao público que ella tem estabelecido huma academia para instrucção de meninas na rua da lapa... em que ensinará a ler, escrever e falar as línguas Portugueza e Ingleza...*

A partir de então a disciplina inglesa começou a penetrar nas casas da burguesia brasileira. Na opinião de Freyre não houve forma mais sutil de influência inglesa sobre a vida brasileira.

Por esse tempo já o inglês era a língua que figurava nos cursos oficiais, pois pelo mesmo jornal de 26 de fevereiro de 1836 por incrível que pareça, o padre-mestre Miguel do Livramento Lopes Gama faz saber: *a quem convier que o concurso para a substituição da cadeira de Inglez e Francez do collegio das Artes desta Acadedmia terá lugar no dia 29 do corrente pelas 8 horas da manhã na sala das Atas.* (FRYRE 2000: 270)

Outra demonstração interessante feita por FREYRE (2000: 165) sobre a forte influência britânica no Brasil era a constância em que os anúncios nos jornais ou avisos eram feitos na própria língua inglesa:

> *The ship chandlery e Grocery Business under the firm of C. Harvery C° N. 148 rua Direita, Will, on and after the first day of December next be conducted under the name of Thomas S. Martin who will pay receive all outstanding accounts of the said firm.*

Não se pode esquecer também da forte influência Inglesa sobre os nomes dos filhos dos brasileiros, pois o Brasil do século XIX encheu-se de crianças com nomes de ingleses ilustres admirados pela nossa gente: *Willian (de Willian*

Shakespeare), Walter (de Walter Scott), Jack, Lucy, Elizabeth, Victoria, Mary... (FREYRE 2000: 79)

No parlamento do império também foram os ingleses os oradores mais imitados em debates e discursos. Imitados desde a maneira de falar, nos gestos e até os modelos de roupas e barbas.[4] Eram os ingleses inglesando os brasileiros no que era possível.

Aos poucos, os discursos foram deixando de ser salpicados de citações apenas latinas para abundarem em citações de autores ingleses, que não eram poucos: Darwin, Adam Smith, Walter Scott, Willian Shakeaspeare, Swift etc.

Nas academias de Direito de Olinda e de São Paulo os futuros doutores aprenderam durante longos anos sua melhor economia política em livros ingleses no original.[5]

Os anúncios de livros ingleses, nos jornais brasileiro da primeira metade do século XIX eram constantes. Muitos eram os livros ingleses que os habitantes do Rio de Janeiro podia adquirir neste período na Loja da Gazeta: *O Philosofo Inglez ou História de Mr. Cleveland, History and ancient Armour, Chemistry, Dicionario Inglez – Portuguez etc.* ((FREYRE 2000: 279)

Ainda neste assunto faz-se necessário mencionar quão forte foi a influência dos autores ingleses sobre os autores brasileiros, como Álvares de Azevedo que buscou inspiração em Byron e Machado de Assis que assimilou de tal modo os modelos britânicos que os irônicos chegaram a chamá-lo de mulato inglês.[6]

Decididamente, a língua inglesa ia conquistando o próprio reduto brasileiro.

Desta forma, os ingleses estão ligados como nenhum outro povo aos começos de modernização da vida brasileira. Só nos últimos tempos é que eles vêm sendo igualados a outros povos, principalmente aos norte-americanos, hoje famosos e imitados por quase todo mundo.

MENEZES (apud PINTO, 1986:41) menciona que:

---

[4] FREYRE, Gilberto. Ingleses no Brasil. p. 73
[5] Idem p. 280
[6] Idem p. 28

Esse comportamento tem suas raízes na história da nossa dependência cultural. A primeira guerra mundial foi essencial para a mudança do eixo Brasil – Europa para Brasil – Estados Unidos. A partir de 1921, essa dependência para com os norte-americanos ganhou forças com a crise do café, tendo o Brasil que recorrer a constantes empréstimos. A dependência econômica gerou uma dependência cultural.

Desde então, os Estados Unidos ocupam posição de liderança no mundo, tornando-se credores dos países europeus e experimentando uma extraordinária expansão econômica.

Com a Segunda Guerra Mundial, a partir de 1941, e mais tarde, em 1991, com a desintegração da União Soviética, os Estados Unidos caminham como senhores absolutos.

É evidente que um país cuja economia e tecnologia são extremamente avançados impõe sua língua. Isso pode ser observado ao longo da história dos povos que impuseram sua língua.

Nesse sentido, BAGNO (2001) cita um exemplo interessante sobre os livros bíblicos do Novo Testamento que foram todos escritos em grego, apesar de seus autores serem todos judeus. Ele ainda questiona: por que não escreveram tais livros em hebraico, sua língua tradicional, ou em aramaico sua língua materna? Porque, naquela época, o grego era a grande língua da cultura, quem tivesse o objetivo de alcançar maior número de pessoas com sua mensagem teria de fazê-la em grego.

E hoje isso ocorre com o inglês. Ora, se um cientista faz uma descoberta e não publicá-la em inglês provavelmente não alcançará seus objetivos.

Pode-se dizer que a partir da década de 80 a economia mundial se globalizou, isto é, houve uma interligação acelerada dos mercados nacionais, o que possibilita a movimentação de bilhões de dólares em fração de segundos. Isso só se tornou possível pelo extraordinário progresso das ciências e das técnicas.

(GONÇALVES 1999:237) apresenta três conjuntos de fatores que foram determinantes para a globalização:

(...) os tecnológicos, relacionados à revolução da informática e das telecomunicações, vinculados à ascensão das idéias liberais ao longo dos anos 80, tendo como marco de referência os governos Thatcher na Grã-Bretanha e Regan nos Estados Unidos e os

sistêmicos estruturais, que estão ligados ao deslocamento de recursos da esfera produtiva para a financeira.

Diante da atual situação, o que se pode afirmar, é que a globalização não é apenas econômica.é também cultural, o que inclui desde a informação instantaneamente globalizada até o predomínio do inglês. Que é o idioma da globalização.

Faz-se necessário enfatizar tudo o que foi indispensável para definir os traços culturais acrescentados à vida brasileira graças ao contato com homens, idéias, costumes, objetos e coisas de procedência inglesa. Mas foi uma ex-colônia de Sua Majestade, os EUA a líder do processo, que transformou o idioma inglês na forma de comunicação oficial das relações internacionais, devido ao seu grande poder aquisitivo.

Este fato é mostrado por MAGALHÃES (1999:4):

A ONU adota seis línguas para suas traduções oficiais (inglês, francês, espanhol, russo, árabe e chinês). O inglês e o francês são considerados idiomas de trabalho. Na prática porém, 90% dos documentos preparados pela Secretaria Geral da entidade são redigidos apenas em inglês.

Atualmente são 23 os países cuja língua nativa é o inglês, outros 14 países têm o inglês como segunda língua oficial e ainda há oito países que a língua possui algum status, apesar de não ser a língua oficial.

Segundo MENEZES (apud Kachru 1986: 20): *O núcleo de falante de inglês como língua estrangeira e como segunda língua é de 300 a 400 milhões e o número de falantes nativos é de quase 300 milhões, somando um total de 700 milhões de falantes em todo o mundo.*

Diante das considerações arroladas até este momento notamos que em cada período histórico brasileiro, ouve uma língua que deixasse fortes marcas no idioma nacional, como o português de Portugal por ocasião do *descobrimento,* o africano com a chegada dos escravo, britânicos e finalmente norte-americano que tem como base que não pode ser ignorada a atual presença hegemônica dos Estados Unidos no mundo.

Em síntese, constatamos que as questões lingüísticas estão amplamente relacionadas às econômicas, políticas e históricas.

O INGLÊS NOSSO DE CADA DIA

Ao andar pelas ruas das cidades brasileiras é impossível não ver expressões como: delivery (entrega em domicílio), on sale (promoção), open (aberto), closed (fechado) estampadas nos letreiros, faixas, placas publicitárias e portas comerciais.

Percebe-se através disso que o uso da língua inglesa no Brasil tornou-se um hábito comum.

Os motivos causadores desta influência são inumeráveis, porém faz-se necessário destacar a grande contribuição de alguns meios de comunicação para essa ocorrência. Isso porque a mídia tem forte poder de persuasão.

Dentre os veículos de comunicação é oportuno salientar a televisão que exerce uma *força telepática* sobre a maioria dos brasileiros, os quais são condicionados pela emissora, o que os tornam muito receptivos para com as suas mensagens.

Inicialmente observaremos que alguns nomes de programas televisionados são quase ou totalmente ingleses:

Super pop, Show business, Big Brother Brasil, Vídeo Show, Programa Vip, Geographic National, É Show...

Neste sentido é pertinente destacar também as palavras de origem inglesa que estão impregnadas nos discursos dos próprios apresentadores desses programas. Tomaremos como exemplo os apresentadores Clodovil do programa *A casa é sua* da Rede TV e Adriane Galisteu do programa *É show* da Rede Record que constantemente se apropriam dos termos ingleses como: *Aproveitem o break ou chamaremos o break.*

Isso sem contarmos que inevitavelmente os convidados são surpreendidos pelos entrevistadores com expressões como:

It's a long story (isto é uma longa história)

Tomorrow is another day (amanhã será outro dia)

Kisses for you (beijos para você)

Ao transportarmo-nos para o universo da propaganda, deparamo-nos com a apresentação de produtos americanos ou não, mas que usam rótulos de qualificativos ingleses como:

Plus, light, vip, gold, master, diet, clean, made in Brazil...

Notamos que o inglês está presente em toda parte. Se observarmos alguns comerciais transmitidos pela televisão veremos produtos como: creme dental *Signal Flúor, Sorriso Herbal, Close Up, Aparlho Para Ginástica Ab Swing, Roupas Wranglers, Zoomp, Cigarros Hollywood, Draf Additives For You Car, Pneus Good Year...*

Ainda em termos de mídia podemos constatar noticiários dos quais as informações são 90% americanas, a exemplo disso presenciamos toda semana o SBT Repórter.

É oportuno salientar também que nas telas dos cinemas brasileiros nomes como: *Matrix Revolutions, X-Men, Free Willy*, ecoam naturalmente, pois o cinema americano predomina de norte a sul do nosso país e, se observarmos a programação dos cinemas nas grandes cidades brasileiras, raramente encontraremos alguma produção nacional em cartaz, o mesmo acontece com os filmes na televisão.

MENEZES (1996: 19) tem razão quando diz: *O Brasil é o maior comprador, na América Latina, de programa e filmes americanos para a televisão...*

Devemos também levar em consideração o fato de que a televisão, jornais e revistas estão cheias de expressões inglesas, e que as editoras já não se preocupam mais em traduzí-las.observemos alguns exemplos:

Books publicidade eventos digital

Books a partir de R$ 150.00"

City Lar: um *show* radical em *Bikes*

Todo mundo usa camisetas *Stamp*

All service celular, nessa parceria quem ganha é você.

Anúncios e manchetes como essas são encontradas diariamente em jornais como o *Folha Regional* de Pontes e Lacerda – M.T.

A interferência inglesa, hoje é da mesma forma predominantemente clara na área esportiva, pois esporte já é uma palavra de origem inglesa, e quase todas as palavras desportivas e muitos termos relacionados a mesma são derivados do inglês, por exemplo:

Personal trainer, futebol, tênis, basquetebol, vôlei, golfe, surfe, *handebol.*

No ramo do direito, também não é diferente. O *writ* (mandado judicial) sucedâneo do *mandamus* latino abriu as portas para *common law* (consuetudinária), *franchise* (direito de voto), *copyright* (direitos autorais), *holaing* (participação), *bobby* (pressionar) e etc.

É importante destacar que em área musical, os brasileiros são especialistas em importação de estilos musicais americanos:

Jazz, awing, reggal, rock, twist, rap, funk, country.

Ainda nesta direção podemos perceber a freqüência em que cantores brasileiros nomeiam suas músicas inspirados pela língua inglesa, como na música *Out Door* do grupo Só pra Contrariar e *Light My Fire* (RPM) ou acrescentam ainda termos ingleses à letra das músicas, exemplo disso é a música *Toda forma de amor*, gravada por Lulu Santos:

Eu não pedi pra nascer
Eu não nasci pra perder
Nem vou sobrar de vítima
das circunstâncias
Eu to *plugado* na vida
Eu to curando a ferida.

Nessa letra vemos o uso da palavra *plugado*, particípio do verbo *plugar*. Uma palavra que até pouco tempo não era conhecida no Brasil e hoje já podemos encontrar nos novos dicionários como no dicionário Houaiss por exemplo.

Essa palavra vem do inglês *plug in*, verbo que quer dizer *conectar* ou *ligar na tomada*. Nos últimos anos, muitos artistas brasileiros como Gilbrto Gil, Titãs, Moraes Moreira, tem gravado discos *unplugged*. Esse prefixo *un* em inglês significa *não*. Assim o termo *unplugged*, algo como *desconectado*, *desligado da tomada*, é usado para expressar que a gravação foi feita somente com instrumentos acústicos e já faz parte do nosso vocabulário.

Não é de admirar que em tempos que internautas trafegam velozmente pela internet, com a mesma velocidade se acentua a predominância inglesa, pois nessa área a moda é *site, mouse, byte, home page, shift, enter, chip, e-mail, on line, software, game etc.*. Uma justificativa para esta ocorrência? O inglês é a língua mãe do computador, justamente por ser ele criado pelo americano Bill Gattes.

Ainda com referência à internet, convém salientar que os contatos com a mesma ampliam o léxico de palavras originárias do inglês em nosso cotidiano.

Nesse sentido verificamos muitas palavras de origem inglesa que já sofreram modificações e adquiriram forma própria dentro do português brasileiro. Outras ainda conservam sua forma original e não estão disponíveis em dicionário, havendo certa controvérsia a respeito de sua inclusão em nosso vocabulário oficial.

Vejamos algumas palavras incorporadas ao vocabulário oficial e que foram graficamente assimiladas de maneira que nem se sabe que são estrangeiras.

Bar: balcão diante do qual as pessoas, de pé ou sentados em bancos altos, consomem bebidas e iguarias leves.

Basquetebol: esporte disputado por equipes de cinco pessoas, e cujo objetivo é, num encontro de quarenta minutos, divididos em dois tempos, somar o maior número de pontos, fazendo com que a bola entre na cesta.

Bife: fatia em geral arredondada de carne bovina.

Clube: local de reuniões políticas, literárias ou recreativas.

Esporte: o conjunto dos exercícios físicos praticados com método individualmente ou em equipe.

Lanche: merenda, refeição pequena.

Pudim: iguaria de consistência cremosa e composição variada.

Repórter: pessoa que noticia ou informa pelos jornais, rádio ou televisão.

Uísque: aguardente feita de grãos fermentados de centeio, milho ou cevada.

Observemos agora alguns exemplos de vocábulos que mantêm a forma original do inglês, mas que nem por isso deixam de ser usadas pelos brasileiros.

Insight: compreensão repentina de uma situação.

Marqueting: conjunto de estudos e medidas que provêem estrategicamente o lançamento e a sustentação de um produto no mercado consumidor.

Match: partida entre dois jogadores ou duas equipes.

Meeting: reunião popular em que se discutem questões de interesse público.

Show: espetáculo de teatro, televisão, rádio.

Shopping center: reunião de lojas comerciais, serviços de utilidade pública, casa de espetáculo em um só conjunto arquitetônico.

Short: calça curta para esporte, de senhora ou de homem.

Essa influência pode ser confirmada pela recente pesquisa sobre a presença de termos estrangeiros no Português brasileiro, publicado na internet que diz que o vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa, em sua edição mais recente acrescentou seis mil novas palavras, em sua maioria de origem inglesa[1].

Como conseqüência da imposição da cultura inglesa, cresce em todo o país a procura de vagas nas escolas que ensinam inglês desde o jardim da infância, pois em nosso século aprender inglês já se tornou questão de sobrevivência. Vivemos numa era marcada pela competição e pela excelência, em que progressos científicos e avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho.

Estima-se hoje que cerca de um bilhão de pessoas aprendem ou tentam aprender o inglês; seiscentos e oitenta milhões já sabem se comunicar na língua. Devido à economia privilegiada dos Estados Unidos, a busca pela aquisição da língua inglesa acentua-se cada vez mais e faz muitos brasileiros acreditarem que o que vem de lá parece mais sofisticado, moderno, vendável e mais atrativos, por isso a área comercial também está preferindo usar termos ingleses para propagar seus produtos, nomeá-los e como resultado disso estão também nomeando as casas comerciais com denominações inglesas, mesmo que os produtos à venda sejam nacionais. Vejamos alguns exemplos desses nomes comerciais:

Pet Shop, Always, Cabeleireiro's, Açougue *Soft Beef,* Bucal *Center's,* Auto *Art's, Kuka's* Cabeleireiros, *Deliciou's* Café, Ótica *Star, Work Tower*

[1] LIMA, Ronaldo Cunha. http.www.cadê.com.br

Conveniências, *Art* Flores, *Teleperformance* Global E *Telemarketing E Teleservices Solutions, Athetic Sports, Fantasy Acqua Club, Happy World* Eventos, Auto Posto *Am Pm* e assim por diante.

Essa influência se deve ao sucesso da empresa imperial britânica e norte-americana, da qual o Brasil sempre foi cliente servil. (GARCEZ, 2001: 22)

E o que dizer da forte influência sobre os nomes pessoais? O Brasil de hoje não muito diferente do Brasil do século XIX está repleto de pessoas com nomes ingleses. Alguns influenciados pela mídia, outros com o objetivo de adquirir status social, ou por motivos desconhecidos, mas a verdade é que eles existem em nosso meio. Atentemos para alguns exemplos:

Thomas, Werick, Artthur, Waldir, Walter, Ewerton, Kleber, Kerollay, Rhyan, Michel, Alex Petter, Victória, Stéfani Kethelin,Ellen, Bleno Maike, Patrick, Yolanda Victória, Joyce, Nykolas, Kayky, Jackson, Thallise, etc.

Só a título de informação, uma recente pesquisa no cartório de 2º ofício de Pontes e Lacerda informa-nos que de acordo com os dados do Livro A-43/2003 de Registro de Nascimento, dos 250 nomes registrados no mesmo, 35,2% possuem forte influência de nomes ingleses, somando uma totalidade de 88 nomes.[2] É um número de certa forma bastante significativo, pois é notório que o número de crianças brasileiras registradas com nomes influenciados pelos ingleses aproxima-se do índice de crianças com nomes brasileiros.

Dentre todos os fatores mencionados, podemos afirmar que é na economia e informática que percebemos a presença do domínio inglês no português brasileiro. Esse fato reflete a condição de um país economicamente dependente de capital estrangeiro, principalmente do americano.

GONÇALVES (1999:237) diz que:

> *(...) a economia brasileira apresenta um dos mais elevados graus de internacionalização da produção por meio da presença de empresa de capital estrangeiro no aparelho produtivo do país... Em período de três anos (1996-8) o Brasil experimentou a penetração do capital estrangeiro como nunca antes de toda sua história.*

Desta forma, compreendemos que num período em que os Estados Unidos se firmam como a potência número um do planeta, é natural que seu idioma

adquira essa força, não apenas no Brasil, mas também nos países mais ricos da Europa e nos mais pobres da África.

De acordo com os PCNs de Língua Estrangeira devido a posição que o inglês ocupa no campo dos negócios, da cultura popular, das relações acadêmicas e negócios mundiais não faz mais sentido compreendê-lo como língua de um único país[3].

Em nosso século é nítido, quer queiramos ou não que a língua inglesa serve a uma série de propósitos na comunicação internacional.

Quando o diretor de uma empresa alemã escreve um memorando para suas subsidiárias em todo o mundo, invariavelmente o faz em inglês. Um adolescente venezuelano que entra em um *chat* na internet, para conversar com jovens da Dinamarca, inicia o bate-papo com um *hello*. Não importa em que parte do mundo se esteja, alguma palavra em inglês está incorporada ao vocabulário.

Nas palavras de MENEZES (apud SAMARIN 1986:13): *O inglês já possui muitos dos requisitos para ser uma verdadeira língua franca, pois é a língua da diplomacia, a língua predominante nas correspondências, a língua principal na aviação e nas transmissões radiofônicas, além de ser a segunda língua de tantos ou mais falantes que os nativos.*

Não há como negar, todos, ricos e pobres estamos em um país que os estrangeirismos existentes na língua são fenômenos dos momentos históricos vividos pelo mesmo, são frutos dos contatos com outras línguas e isto é inevitável porque nenhum povo vive isolado.

---

[2] Livro A-43/2003. Registro de Nascimento
[3] PCNs. Língua Estrangeira. 5ª a 8ª p. 49

GUERRA DA PALAVRA

A disseminação do inglês pelo Brasil é avaliada sob dois pontos de vista: para alguns, a influência do inglês; presença predominante entre os termos de informática, é uma ameaça que gera desconforto e indignação ao português brasileiro. Enquanto outros acreditam que a língua sai enriquecida, após essa intervenção e que idiomas recebem influência de todos os lados, naturalmente.

A partir dessas duas vertentes foi realizados uma enquête com os internautas que visitaram o site Arte em escrever, no mês de maio / 2001. Em relação ao convívio com palavras importadas, detectou-se que as opiniões se dividem quase que igualmente entre aqueles que não acreditam que os estrangeirismos, palavras de outras línguas, que convivem com o idioma português, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, sejam de fato uma ameaça, e aqueles que preferem fazer ressalvas quanto ao seu uso indiscriminado.

Segundo a pesquisa, 36,7% acreditam que o estrangeirismo faz parte da globalização, de forma que só tem a acrescentar à cultura brasileira, 23,33% disseram que estamos perdendo nossa identidade cultural e 40% afirmam que na falta de correspondente em Português, deve-se empregar o termo inglês.[1]

É interessante salientar que os estrangeirismos sempre estiveram no banco dos réus. De um modo geral, há em todos os países, adversários ferrenhos à entrada de palavras estrangeiras na língua-mãe.

O que podemos observar em relação a Língua Portuguesa é que os estrangeirismos mais freqüentes são os anglicismos e os galicismos. Neste ensaio porém, é bastante notável que limitamo-nos aos anglicismos.

Verificamos que em alguns países mais influenciados pela língua inglesa, leis são criadas para impedir que tais termos sejam utilizados com a roupagem

[1] VALE, Rosália. Estrangeirismo: invasão ou apropriação?

importada. Neste caso procura-se substituí-los por outros existentes ou, quando existentes, adaptá-los às normas da língua materna que os recebe.

Tomando como referência outros países, convém ressaltar a preocupação demonstrada pelos mesmos em relação à infiltração de vocabulário estrangeiro no idioma nacional como por exemplo a Hungria e especialmente a França.[2]

Sobre isso, vale lembrar que o governo francês, preocupado com a *invasão* de palavras inglesas, buscou através da aprovação de uma lei, purificar a língua pátria, proibindo o uso de termos estrangeiros em lojas, anúncios, rádio e TV. Vejamos o que diz MENEZES (1996: 12):

> *(...) no artigo publicado no jornal do Brasil (17 /02 /1983), sob o título governo francês proíbe o uso de palavras em inglês, descreve o combate ao franglais (mistura de inglês e francês) iniciado no governo Valery Giscard d'Estaing que proibiu termos militares em inglês e baniu as palavras inglesas das publicações oficiais.*

Todavia, com a aprovação pelo Palarmento francês de uma emenda á constituição, para tentar coibir o uso de termos ingleses, os jovens continuam bem receptivos ao inglês, 90% deles optam pelo inglês como língua estrangeira obrigatória. O próprio Ministro da Cultura e da Educação, Jack Lang (1990) disse que a língua já não é encarada como ameaça. Afinal, ele conclui*: Uma cultura não se sobrepõe a outra.*[3]

No Brasil a história da repressão lingüística, das proibições e imposições não tem sido muito diferente. Uma breve retrospectiva em sua história é suficiente para demonstrar que essa mesma intenção esteve presente no Brasil desde o fim do século XVIII até os nossos dias. A começar pelo edito de Marquês de Pombal.

Segundo BAGNO (2001:54) *O exemplo mais cabal disso é o 'Diretório dos índios' do Marquês de Pombal de 1757, que instituiu o português como única no Brasil, proibindo o ensino e o uso de qualquer outra língua...*

Essa ocorrência volta a repetir-se no século XX, quando a ditadura de Getúlio Vargas proibiu o ensino do alemão e do italiano nas regiões do sul do

---

[2] PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. Ensino da Língua Inglesa p. 11

[3] COSTA, Cecília Maria Aves. A americanização da Língua Portuguesa: um processo irreversível e danoso?

país, região em que era forte o uso das mesmas devido às imigrações ocorridas no século anterior.[4]

Face a isso é importante destacar que ambas as imposições lingüísticas, tanto as de Pombal quanto as de Vargas, trouxeram drásticas conseqüências ao povo brasileiro como: tortura, prisões, confinamentos, etc.

Em relação à lei de Pombal GUEDES (2001: 33) afirma que ele: *proibiu e tomou providências: mandou prender, torturar, matar quem não quis passar a falar só em português.*

De forma semelhante a ditadura de Vargas de acordo com BAGNO (2001: 56) *criou o conceito de crime idiomático, e centenas de pessoas foram presas, torturadas ou confinadas a campos de concentração pelo simples fato de ousarem falar sua língua materna.*

Já no Brasil do século XXI a iniciativa é do deputado federal Aldo Rebelo, provavelmente vindo de uma linhagem conservadora da língua portuguesa embasado em alguns gramáticos *defensores* da mesma. Atualmente tramita no Congresso Nacional um projeto de lei que visa punir, com multas, a utilização de termos estrangeiros. Esse projeto tem suscitado discussões tanto de especialistas em Língua Portuguesa (lingüista, gramáticos e professores), como outros profissionais como advogados, jornalistas, etc.

Para aqueles que desejam a pureza da língua, como o citado deputado, eles acreditam que os estrangeirismos a deformam, podendo gerar seu desaparecimento conforme comprova o trecho abaixo:

> *Além de horrorosa, a grande maioria desses vocábulos é desnecessária, pois tem correspondente em português. Se fossem neologismos específicos nomeados novidades sem correlatos em nossa língua, aí, sim seriam indispensáveis e incorporados depois de nacionalizados.* (REBELO, 1991: 3)

O deputado acima não é o único que comunga dessa concepção. De acordo com (SZKLARZ 1997: 10): *Em casa ou no trabalho, o brasileiro proclama os estrangeirismos (...) a atitude revela não somente uma forma de dominação, mas uma mentalidade, endossada no país: utilizar palavras estrangeiras é sinônimo de vantagem e primazia.*

---

[4] FARACO, Carlos Alberto (org). Estrangeirismos: Guerra em torno da língua. p. 56

O pensamento do deputado Rebelo é o mesmo da autora da obra *Língua pátria, pátria língua* Carmem Lúcia A. Rocha (2000:11). Segundo ela, a dominação lingüística abre caminhos para todas as outras formas de dominação e que dessa forma os brasileiros estão assimilando a cultura americana e desprezando a sua própria cultura.

Os autores já mencionados neste capítulo, não são os únicos que lamentam a presença dos estrangeirismos no português contemporâneo. O jornalista Marcos de Castro, autor da obra *A imprensa e o caos na ortografia* também se posiciona ao lado dos *protetores* da Língua Portuguesa quando afirma:

> *Começava a descida acelerada que iria comprometer o português do Brasil como língua de cultura. A um ponto tal que, neste fim de século, ou se toma uma providência imediata, ou o português do Brasil estará irremediavelmente comprometido. Já no século XXI deixará de ser uma língua de cultura (...)* BAGNO (apud CASTRO 1998: 20)

O sentimento que move a aversão aos estrangeirismos, como já foi apontado aqui, segundo FREYRE (2000: 10) acontece: *Em conseqüência do predomínio político e comercial da Grã-Bretanha, que Portugal nos transmitiu e reforçou na esteira da transmigração da família real para o Rio de Janeiro, é natural que o ressentimento antiinglês fosse sempre vivo na historiografia da língua portuguesa.*

Portugal e conseqüentemente o Brasil tinha uma irresolvida história de queixas contra o seu o seu velho aliado Reino Unido.

Esse ressentimento resulta na atual preocupação com os termos estrangeiros, localizadamente da língua inglesa, o que provoca uma avalanche de discursos antiinglês.

De acordo com Schmitz (2001) os principais alvos desses discursos são os especialistas em informática e os economistas, os quais são responsabilizados pela importação da maioria dos anglicismos à nossa língua.

Os que apóiam o discurso conservador da Língua Portuguesa consideram o influxo de palavras de origem estrangeira como uma grave ameaça às instituições culturais brasileiras como: cinema, teatro, música, etc.

Para outros como o lingüista Marcos Bagno, discordam totalmente do projeto do deputado Aldo Rebelo, isso porque segundo ele: *...os estrangeirismos não alteram*

as estruturas da língua, à sua gramática. Por isso não são capazes de destruí-las, como juram os conservadores. Eles contribuem apenas no nível mais superficial da língua que é o léxico. Ex.: O Office-boy flertava com a baby-sitter no hall do shopping center. BAGNO (2001: 74)

Essa cruzada contra os estrangeirismos, como já foi dito, é antiga. O professor Carlos Alberto Faraco escreve que, nos fins do século XIX, o médico Castro Lopes também fez sua cruzada anti-estrangeirismos e foi ironizado por Machado de Assis em várias crônicas.[5]

O que se pode observar de toda essa celeuma é que a adoção de estrangeirismo manifesta-se em todas as línguas do mundo, em maior ou menor intensidade. Isso ocorre no momento em que objetos, conceitos e situações nomeados em língua estrangeira transfere-se para outra cultura. Podemos dizer que essa interpenetração de cultura é o resultado de um processo social.

Neste caso, o que observamos no atual português brasileiro é que as palavras estrangeiras vêm, em sua maioria, dos Estados Unidos. Como já foi dito nesse ensaio, isso vem ocorrendo desde a segunda metade do século XX, com a entrada do Brasil e dos demais países do terceiro mundo na era industrial. Com a vinda das multinacionais, determinando a dependência política, econômica e tecnológica, o modo de vida brasileiro, e em conseqüência, a língua materna foram assimilando elementos *Made in USA*.

> *No relacionamento entre o Brasil e Estados Unidos (país pobre x país rico) os termos e formas lingüísticas são adotados tomando como modelo a língua do segundo. Ao usar leasing, royalty, management, o falante parece sentir-se transitar na esfera do poder político e econômico.* CARVALHO (1989:55)

Essa ação intercultural tem permitido a cultura tecnicamente mais rica enriquecer a outra com seus valores, sem que a pobre tenha deixado de dotar a rica de novas visões da natureza humana.

Sabemos que toda língua tem uma essência dinâmica. Sem ser um sistema cristalizado, ela está permanentemente se modificando, num processo contínuo de reelaboração.

---

[5] FARACO, Carlos Alberto (org). Estrangeirismos: Guerra em torno da língua. p. 44

Desta forma a guerra em torno da língua fica bastante óbvia neste capítulo. Esse assunto como foi apontado aqui é passivo de questionamentos. Afinal lingüisticamente esse é um campo minado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática apresentada neste ensaio continua, pois pelo que sabemos as línguas sempre estiveram e estão expostas às constantes mudanças e às manifestações diferenciadas.

O que podemos notar até o momento é que a língua nacional brasileira não é diferente das demais, pois a mesma tem uma qualidade maravilhosa de ser, isto é, a língua é um organismo vivo e precisa ser respeitada como tal. Por esse motivo ela tanto influencia como sofre influências.

Em relação às influências ou estrangeirismos presentes no português brasileiro, constatamos que os mesmos são fenômenos dos momentos históricos vividos pelo Brasil, são frutos dos contatos com outras línguas, e isto é inevitável porque nenhum povo vive isolado. Compreendemos que não existe o que poderíamos chamar de raça brasileira ou língua pura, pois somos resultados de uma imensa e intensa miscigenação de vários povos. É óbvio que sempre haverá relações entre nações, culturas, línguas e contextos históricos diferentes que interagem entre si.

A própria história do povo brasileiro prova que nunca houve unidade lingüística em si mesma e que é impossível coibir o caráter influenciativo de uma língua sobre a outra, pois a Língua Portuguesa brasileira e as demais se influenciam mutuamente desde que o Brasil foi *encontrado* pelos portugueses.

Podemos reforçar nosso ponto de vista sobre o português brasileiro e os estrangeirismos a partir da grande contribuição Saussureana nos estudos lingüísticos, ao opor a idéia de língua e fala, pois a língua só existe socialmente. Como realidade de caráter social, ela pertence a cada um e é comum a todos. O falante na realidade, para exprimir seu pensamento pessoal, escolhe nesses sistemas meios de expressão com o qual se comunica. A esse ato individual de escolha, Saussure dá o nome de fala.

Disso decorre que, se a língua só existe na comunidade numa soma de matrizes depositadas no cérebro do falante, significa dizer que usada

individualmente, implica em um ato de livre vontade. Vale lembrar ainda que, o termo individual refere-se à algo relativo a um único ser, portanto determinar através de leis o que cada indivíduo deve falar seria transformar em crime o que o indivíduo é e o que pensa.

Compreendemos que o diálogo das línguas está acima da lei, pois a interpenetração de línguas e culturas foge do controle de leis e normas ditadas por políticos ou gramáticos. O que pretendemos dizer é que leis punitivas com relação ao uso de palavras estrangeiras são inócuas, principalmente em países extremamente dependentes de capital estrangeiro como o Brasil.

Neste sentido gostaríamos de refletir diante da opinião de que o próprio idioma português é resultado de uma mistura de várias línguas na Península Ibérica, ou seja, o português brasileiro é uma forma de estrangeirismo. Por que não defendem os puristas o Tupi como idioma nacional, como fez Policarpo Quaresma, na obra *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*? Afinal de contas não era esta a língua falada pelos nativos encontrados pelos colonizadores?

Por outro lado, vale dizer que o português brasileiro é tão rico em si mesmo que, existem muitas palavras que nem mesmo o brasileiro mais culto poderá entender termos que não façam parte do seu universo de referências. Por exemplo: Somente quem convive com o mundo dos navios saberá o que é a *Sobregatinha* (vela). Este é um termo estranho para muitos de nós, mas está no vocabulário português brasileiro. Para muitos esse termo soa mais estranho que a palavra *deletar*.

Outro exemplo interessante é muito próximo de nós é a grande maioria das expressões usadas nos telejornais que, por sua vez causa estranheza à maioria dos brasileiros.

Notamos através desses simples exemplos, uma certa dosagem de utopia da parte daqueles que sonham com uma unidade lingüística, pois o Brasil não é um país em que todos falam uma única língua, igual, para todos os falantes.

Dessa forma, é um mito pretender a possibilidade de comunicação igualitária em todos os níveis, já que cada região, grupo social, profissional possui uma linguagem peculiar.

Assim a língua é compreendida como dinâmica e empréstimos feitos de outros idiomas ou acabam sendo assimilados ou simplesmente deixam de ser utilizados com o tempo, quando a coisa que designam se torna obsoleta.

Compreendemos que afirmar como muitos gramáticos, que o português brasileiro está sendo assassinado e que corre o risco de ser substituído pelo idioma da cultura dominante, é se apressar muito, pois desde os primórdios de sua existência ele vem recebendo influências de todos os lados, no entanto ele continua a existir.

Como a própria historicidade brasileira nos mostra, não vem de hoje, esse receio de que a língua portuguesa possa ser tragada por algum outro idioma. Se em séculos passados o *perigo* era o francês, hoje a grande *ameaça* é o inglês. É interessante observar que, apesar de todas as preocupações e alarmes soados pelos especialistas da época, a influência foi inevitável e a tal ponto assimilada que já nem lembramos mais que muitas palavras que usamos no dia-a-dia já foram consideradas um barbarismo importado da França, como por exemplo a palavra abajur.

Como percebemos no decorrer desse ensaio a interferência da língua inglesa em nosso país existe desde o processo de colonização do Brasil e passou a predominar de forma mais acentuada há cerca de sessenta anos. Porém, não há nenhum sinal de que a população brasileira, ou parte dela, esteja abandonando o português como língua nativa. O domínio econômico Americano é um fato, mas até agora sem conseqüências drásticas no campo lingüístico. O que pretendemos dizer é que o fato do inglês influenciar os demais idiomas, não extinguirá nenhuma nação do mundo, não destruirá os povos nem sua soberania. Os povos continuarão sendo distintos, assim como distinto é o povo brasileiro do espanhol, do francês e do próprio povo americano.

É notável que os estrangeirismos sempre fizeram parte da nossa língua, e em tempos de globalização não podemos fechar os olhos para a influência da cultura inglesa em nosso país, pois os empregos altamente qualificados, exames de vestibular e concursos e o mundo da informática exigem o conhecimento da língua. Portanto precisamos conhecê-la, porém deve-se evitar o uso de termos equivocados. Muitos se aventuram em usar termos estrangeiros sem o

conhecimento da língua que tomam emprestados e fazem o uso distorcido da mesma. É preciso que se tenha muito cuidado em relação ao real significado do que está dizendo, para não correr o risco de fazer uso de citações impróprias.

Não podemos negar que vivemos num período em que grande parte do Brasil está embebecida com a contemplação de produtos estrangeiros, há uma supervalorização da cultura americana, fato esse que leva muito dos brasileiros a idolatrar tudo o que se refere aos Estados Unidos, inclusive a língua. Ora, a língua inglesa, como qualquer outra não deve ser usada com tais objetivos, nem mesmo para produções sem nexo ou com a finalidade de americanizar-nos, mas para sermos inseridos na sociedade contemporânea como cidadãos preparados a responderem às exigências do novo mundo.

Ao analisarmos a nossa própria história como nação, verificamos que a conexão brasileira com outros povos contribuiu grandemente para a formação e o enriquecimento de nossa cultura. Afinal, um intercâmbio cultural é sem dúvida enriquecedor, pois permite-nos ver a civilização com outros olhos, amplia nossos conhecimentos, e coloca em questão o que antes considerávamos dogmas.

Outro fator que vale salientar, é que a relação anglo-brasileira permite-nos receber, assimilar, adotar, desenvolver, recriar e abrasileirar os estrangeirismos. Como já dissemos a língua é tão dinâmica que, não fossem essas permissões no Brasil não haveria escritores como Machado de Assis, Santos Dumont, Guimarães Rosa e muitos outros, os quais foram assimiladores de sugestões exóticas que desenvolveram, recriaram ou apenas abrasileiraram os estrangeirismos, tornando-os significativos por suas originalidades.

Não é difícil comprovar que a língua inglesa possibilita muitos veios da cultura no Brasil e que a mesma serve não só como instrumentos de dominação como muitos alegam, mas também, pode ser entendida como força libertadora tanto em termos culturais quanto profissionais.

Essa força proporciona aos indivíduos em desenvolvimento a liberdade de escolher entre as possibilidades existentes, ou seja, entre o viável e o inviável. Mas para que isso ocorra é necessário uma consciência crítica. Esta também é uma questão de bom senso, significa despojar-se de qualquer tipo de falso nacionalismo, o que pode ser um empecilho par o desenvolvimento pleno do

cidadão no seu espaço social. A língua, além de aguçar a percepção, abrir as portas para o mundo e propiciar informação, tornam pessoas e países conhecidos e reconhecidos pelo mundo todo.

A importância do inglês no mundo contemporâneo, pelos motivos de natureza político-econômico, não deixa dúvidas sobre a necessidade de aprendê-lo.

Em algumas áreas, o domínio do inglês é ferramenta de trabalho. Nos negócios, por exemplo, um executivo que não domina o jargão, que é todo em inglês, não consegue sobressair-se: é o equivalente a ser advogado no século passado e não saber latim.

É notória a necessidade de domínio da língua inglesa, pois culturalmente queremos acentuar que na internet, o inglês é a língua mais usada. Em provas de vestibulares, quem se destaca nas provas de língua estrangeira tem maiores oportunidades de entrar numa boa universidade, para obter o nível de pós-graduado é necessário dominar um segundo idioma que é requisito básico para ingressar num curso de mestrado ou doutorado. Os benefícios no ato da leitura também são notáveis, pois com um bom inglês é possível conhecer as características de muitos escritores, perdidos em traduções e adaptações para o Português.

O que dizer dos noticiários, revistas importadas e telejornais exibidos pelas TVs por assinatura que trazem notícias sob um ponto de vista diferente do brasileiro? No setor de viagens, mesmo onde o inglês (língua universal) não é língua oficial você pode ser compreendido.

Por fim na área trabalhista também não é diferente das demais, para os profissionais de turismo como camareiras, garçons, recepcionistas, telefonistas e porteiros de hotéis, taxista e policiais que trabalham em pólos turísticos precisam do inglês para atender aos turistas. Mesmo aos estagiários nessas áreas é exigida a fluência em inglês.

No caso dos operários, necessitam do inglês para ler manuais de instruções ou para assistir aos treinamentos com técnicos estrangeiros. Os proprietário de lojas de produtos importados precisam saber a língua para informar os clientes sobre as qualidades daquilo que vendem.

Cremos que para uma empresa de renome o segundo idioma não é mais um diferencial, mais uma exigência na hora da contratação.

Diante de todas as informações apresentadas neste ensaio podemos afirmar que o mais importante nessas questões lingüísticas deve ser o equilíbrio senão a liberdade de expressão, pois todo radicalismo é perigoso, quanto mais se estivermos no campo da comunicação. Não podemos nos descaracterizar como nação, supervalorizando uma cultura estrangeira, mas também não podemos pender para a aversão irracionalista. E que não nos esqueçamos de um pormenor: a cultura e por extensão a língua, não se mudam por decreto, mas por natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FARACO, Carlos Alberto (org). *Estrangeirismos: guerra em torno da língua*. São Paulo. Parábola: 2001

FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro. Univer cidade: 2000

GONÇALVES, Reinaldo. *Globalização e desnacionalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. *Ensino da língua inglesa: reflexões e experiências*. 2 ed. São Paulo. Pontes: 1998

PCNs: *Língua Estrangeira: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1998

REBELO, Aldo. *Projeto lei: 1676/99*. São Paulo: 2000

MAGALHÃES, João Batista. *França esquece seu ódio ao inglês*. Folha de São Paulo. São Paulo.1990

ROCHA, Carmem Lúcia Antunes. *Língua pátria pátria língua*. Estado de Minas. 2000

COSTA, Cecília Maria Alves. *A americanização da língua portuguesa: um processo irreversível e danoso?* http://neutonpaiva.yziagi.com.br

LIMA, Ronaldo Cunha. *A Língua Portuguesa e os anglicismos*.www.cadê.com.br

SZKLARZ, Eduardo. *A multiplicidade da língua pátria: entre gírias, jargões e estrangeirismos.* http.www.cadê.com.br

VALE, Rosália. *Estrangeirismo: invasão ou apropriação? http://arteemescrever.cjb.net.*